



UMA LEITURA DA CENA CONTEMPORÂNEA: O *FLASHMOB* COMO METÁFORA DA RELAÇÃO ENTRE SILÊNCIO E LINGUAGEM

Eduardo Alves Rodrigues¹

Hipótese

Flashmob ("*flashmob*") é a abreviação para "*flash mobilization*" (em versão brasileira livre "mobilização instantânea"): termo que circula socialmente em inglês nomeando uma espécie de *evento* onde pessoas se dispõem em grupo com um propósito *mais ou menos* predeterminado, geralmente, o de cumprir certo objetivo com a realização de uma *performance* coletiva no espaço das cidades.

Para fazer uma leitura do *flashmob* como acontecimento² discursivo que interpreta algo da cena histórico-social contemporânea, lido com a hipótese de que é possível tomá-lo como objeto simbólico que escreve e inscreve, isto é, formula – em seu modo de aí se desdobrar e ganhar existência – sentidos que conformam algo do sujeito na sua relação contingencial com o Real e com o real das cidades. O *flashmob* é assim compreendido como mais uma forma de textualização do político, portanto, um modo de *dar a ver* interpretações – (re)divisões – de algo do Real.

Ao dizer isso, quero chamar atenção, nesta minha leitura, enquanto hipótese, ao fato de que o *flashmob* pode ser compreendido como um acontecimento discursivo que representa o efeito de certa injunção e o que ela produz de demanda ao sujeito da cidade, na sua relação também contingencial com a dimensão do simbólico – necessidade-função de tornar algo do Real discernível, também direi "organizado", "não-disperso", numa palavra intercambiável – e com aquilo que faz refratar imaginariamente esse discernimento, essa função, ao estabelecer para o sujeito um tecido possível de representações, isto é, o cruzamento entre espaço e tempo específicos que dá a conformação do acontecimento como possível³, numa palavra, suportável. Estou lendo o contingencial aqui como algo da ordem do constitutivo, do estruturante, do laço que não cessa de se produzir no e para o(s) sujeito(s), em seu movimento na história, estando, portanto, sujeito(s) aí ao trabalho simbólico da ideologia fazendo função na produção e na disponibilização do acontecimento – dos sentidos, das discursividades que o sustentam – enquanto evidência.

Constitui ainda esta leitura a consideração de que, enquanto acontecimento discursivo, o *flashmob* permite ver, a partir do modo como sua estrutura se configura materialmente, como certa repetição se atualiza. Ao irromper nos espaços das cidades, dispõe gestos de interpretação, ou seja, um conjunto de interpretações sobre a cidade e sobre as relações com a cidade. Dessa maneira, o *flashmob* constitui-se enquanto acontecimento ao instaurar-se diferencialmente a partir de certa repetição do mesmo: o processo em que se formular o mesmo – a repetição de que falo – atualiza, coloca em cena, na atualidade de seu acontecimento, outros sentidos possíveis para as cidades e

¹ Doutorando no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Apoio Capes.

² cf. PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

³ Apoio-me aqui em MILNER, J.-C. *Os nomes indistintos*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.



para a relação sujeito(s)-cidade(s). Estou pensando aí a cidade como espaço político simbólico, em que este seu estatuto é produzido discursivamente na relação entre o(s) sujeito(s), a linguagem em suas múltiplas formas e a história.

Em relação ao *flashmob*, isso se dá na medida em que o corpo do sujeito, numa certa relação histórica com as múltiplas materialidades significativas constituintes da música, por exemplo, significa, isto é, conforma de certo modo parte do corpo da cidade. Entra em cena o corpo do sujeito em um estado específico: o da *performance* (de uma coreografia, por exemplo). Isso deve ser pensado, neste caso, em termos de sujeitos (no plural).

Neste quadro é que procuro ler o *flashmob* – tendo em conta a opacidade constitutiva de sua textualidade, sua espessura semântica – como acontecimento discursivo que metaforiza a relação constitutiva entre silêncio e linguagem, em que o silêncio é compreendido como materialidade significativa diferencial relativamente a outras formas de linguagem, ou seja, como espaço diferencial que funda a possibilidade de significação⁴ em sua projeção na/pela história. É nesse lugar de entremeio – lugar, por sua vez, de movimento – que incompletude e contradição são discursivamente trabalhadas e atualizadas pelo gesto da formulação que é sempre um gesto de interpretação. Nessa perspectiva, coloco em questão a leitura do *flashmob* como mera expressão do que é denominado e circula socialmente como "cultura pop".

Compreendendo o material

O *flashmob* enquanto acontecimento se desdobra no espaço das cidades com contornos mais ou menos específicos e determinados, tais como objetivo, horário, local, duração, formato, participantes, *performance* a ser realizada... Consta (informação de arquivo) que foi idealizado pelo jornalista norte-americano Bill Wasik, quem, em 2003, em Manhattan (Nova Iorque, EUA), organizou, pela primeira vez, via *e-mail* forjado como anônimo e endereçado a cerca de 50 amigos, uma mobilização em frente a uma loja de acessórios femininos: a ideia, afirma ele, "era de que as próprias pessoas se tornassem o show e que, apenas respondendo ao e-mail, elas criassem algo"⁵.

Depois dessa primeira tentativa frustrada, a prática do *flashmob*, na atualidade, espalha-se por inúmeras cidades do mundo, tendo sua regularidade determinada pela duração instantânea de uma *performance mais ou menos* ensaiada que deve ocorrer de modo *inesperado, inusitado e surpreendente*, como se irrompesse em determinado espaço da cidade por adesão espontânea, em função da ideia pela qual convoca o suposto espectador "não-comprometido" a fazer parte dele, melhor dizendo, a torná-lo possível. Por isso, o número de participantes parece ser aí significativo.

⁴ cf. ORLANDI, E. (1992). *As formas do silêncio*. 6ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

⁵ Tradução livre de "the idea was that the people themselves would become the show, and that just by responding to this random email, they would, in a sense, create something" (cf. HEANEY, F.; WASIK, B. The short life of *flashmobs*. *StayFree! Magazine*. 24, Brooklyn, NY, USA, jun. 2005. Disponível em <<http://www.stayfreemagazine.org/archives/24/flash-mobs-history.html>>; acesso em 27 ago. 2008).



Enquanto texto que se inscreve no espaço aparentemente lógico e estabilizado da cidade, o *flashmob* faz ressoar certa memória, produzindo aí, ao mesmo tempo, deslizamentos de sentidos. Esse movimento é estabelecido pelo funcionamento discursivo de suas diferentes conformações materiais, que fazem repetir uma mesma formulação – por exemplo, a de "mobilização", relacionada à de "*performance* (pública, coletiva etc.)", a de "espaço (público) (urbano)", a de "cidade", a de "teatralização", "cotidiano" etc. – atualizando aí outras interpretações possíveis para o gesto de mobilização.

A análise de diferentes textos-eventos que circulam socialmente como *flashmob* mostra que o sujeito que (se) mobiliza como integrante desse tipo de evento não pode ser identificado com aquele que comumente se mobilizaria em atos de protesto, reivindicação ou piquete etc., carregando consigo ou coletivamente, por exemplo, faixas, cartazes, panfletos etc. e seus *slogans*. O sujeito participante do *flashmob* requer instantaneamente – ou seja, na atualidade de seu acontecimento – ser confundido com um cidadão ordinário, compreendido como aquele que é tocado pela iniciativa e pela necessidade de *dizer* algo em conjunto, coletivamente, identificando-se aí nesse lugar. Uma regularidade nesse movimento é o fato de os participantes dos diferentes *flashmobs* vestirem-se também ordinariamente. Esta parece ser uma característica que estrutura o *flashmob*, pois se mostra como regularidade na maioria de suas textualizações.

O *flashmob* "ganha", em parte, seu caráter instantâneo, inusitado e inesperado a partir de um trabalho de organização prévia, em que, inicialmente, o objetivo é divulgado na expectativa de ser suficientemente significativo a ponto de produzir identificação e, dessa maneira, produzir um contingente para sua realização. Os objetivos, geralmente, propõem a mobilização para homenagear uma celebridade (notadamente da música pop), como os vários tributos a Michael Jackson, Abba, Madonna, Lady Gaga, Beyoncé etc., ou um filme, como a *performance* da canção "Do, Re, Mi", trilha no filme "The sound of music", realizada na Estação Central da Antuérpia (Bélgica).

Nesses casos, definidos data e local em que o evento deve ocorrer, depois de alguns encontros em que ensaiam uma coreografia (geralmente reprodução adaptada de uma coreografia realizada originalmente pela celebridade homenageada), os participantes se dirigem ao local de forma aleatória, simulando que o que os reúne ali é o acaso, como se estivessem apenas de passagem. O gatilho para que o texto se desdobre em sua materialidade é dado, em geral, pelo início da reprodução de uma canção que ressoa de algum recanto do local escolhido. Um dos participantes, geralmente um dançarino profissional, inicia e conduz a execução da *performance* previamente ensaiada. Os demais participantes, então, juntam-se a ele, cada um "cumprindo" sua parte na constituição do conjunto, como se, de repente, "todos" ali presentes se compreendessem nesse lugar "comum" do dizer instaurado pela atualidade do acontecimento do texto.

Digo "todos" porque esse é um efeito, a meu ver, decorrente do acontecimento do *flashmob* em sua atualidade, efeito de sua textualização: mesmo aqueles que não estão "engajados" no cumprimento de sua parte nesse texto, aparentemente comprometidos com a execução da *performance* e com o motivo que a sustenta, ou seja, aqueles que passam a participar do evento



enquanto espectadores aparentemente "surpreendidos" com o inusitado de, naquele espaço da cidade, algo assim ocorrer parecem mobilizar-se para assisti-lo, compreendê-lo, e, eventualmente, incluírem-se nele como *mais um* no conjunto de *performers*.

Há também outros objetivos que podem sustentar a realização de diferentes composições para o *flashmob*, como o apoio a campanhas, por exemplo, a campanha contra a falta de ações relativas às mudanças climáticas ou à degradação do meio ambiente. O *Freeze Mob* realizado em 2009, na Estação Central de Nova Iorque (EUA), em que os participantes simulavam estátuas por 5 minutos, marca, em relação aos *flashmobs* anteriormente referidos, uma diferença: dado o gatilho, um contingente diverso de participantes se mobiliza enquanto estátuas por um tempo predeterminado, simulando a paragem de tudo no tempo e no espaço, a recusa do movimento com o propósito de fixar o olhar, a atenção do outro para a causa-campanha que se quer apoiar. Em outras ocorrências, os participantes não dançam, nem simulam estátuas, mas vestem-se com um mesmo tipo ou estilo de roupa, ou reúnem-se apenas com roupas íntimas no metrô, por exemplo.

Em suas diferentes composições, nas diferentes cidades, constituídos por diferentes sujeitos, o *flashmob* "mobiliza" sentidos produzindo derivas... A mobilização pode significar, como já sugeri, algo para além do tributo ou do apoio a uma determinada campanha... Em 1992, a praia de Copacabana presenciou um dos mais agressivos arrastões da história do Rio de Janeiro, em que certo contingente de população residente, sobretudo, em morros cariocas se mobilizou para saquear, espancar, aterrorizar etc. outro contingente constituído principalmente de banhistas ali presentes. Prática que eclodiu ainda antes, na década de 1980. Na atualidade, a "fórmula" *flashmob* se reproduz nas mais diferentes circunstâncias: em casamentos, formaturas, supermercados, praias, concertos, cinemas, *shopping centers*, vagões de metrô, lojas etc. Tem proliferado também outra versão de *flashmob*, denominada como *Flash Rob*: grupos de pessoas entram em lojas de diferentes segmentos para realizar ao mesmo tempo vários saques relâmpagos de mercadorias.

Com efeito, é significativo observar que o lugar do *flashmob* é os diferentes espaços das cidades, tanto públicos quanto privados. Pode acontecer em praças, calçadas, estações de transporte, aeroportos, lojas, praias, ruas, arenas, jardins, estádios, salões de festa, igrejas etc. Algo que chama também a atenção no processo de análise desses materiais é o efeito que os *flashmobs* produzem nos espectadores que não estão ou não se colocam "em cena". Ele parece contagiá-los, na maior parte das vezes e mais de uma vez. É com a linguagem do corpo que isso se marca fortemente. Sorrisos, rostos boquiabertos, mãos levadas ao rosto, cabeças desgovernadas procurando compreender o que ocorre etc. parecem significar surpresa, encantamento em face da contradição ali posta: não é comum, nem esperado que lugares como esses funcionem, nas cidades, como palcos de *performances* coletivas aparentemente não-autorizadas e não-divulgadas antecipadamente, o parece ocorrer apenas parcial e restritamente, sobretudo entre participantes e organizadores do *flashmob* e autoridades locais.

Essa contradição explícita o deslize de sentidos que remete esses lugares a outras regiões de sentido: passam a ser lidos, ainda que instantaneamente, também como "palco", isto é, espaço para



que o sujeito signifique "publicamente" algo de sua relação com a cidade, a partir da produção coletiva de um texto-evento que possa ser reconhecido como inédito, como *cool* ("legal"). Parece haver nesse lugar, portanto, possibilidades de identificação com outros sentidos que tornam possível ao sujeito *fazer sentido*, muitas vezes a partir do não-sentido ou da falta de sentido da cidade (e de seus espaços) e das relações entre sujeito(s) e cidade(s) .

A partir da análise do material, parece-me possível dizer que o movimento histórico que instaura o *flashmob* enquanto acontecimento que discursiviza a relação entre sujeitos e cidades interdita a interpretação em certa direção para "mobilização", afastando-a de sentidos que pudessem significá-la a partir do que tradicionalmente é reconhecido enquanto protesto, manifestação, marcha ou passeata. Na atualidade do *flashmob*, os cartazes, os slogans, as faixas são constituídas pelos corpos dos participantes e pelo que esses corpos dizem coletivamente via *performance*. É nessa medida que o *flashmob* trabalha a visibilidade de outros sentidos que circulam socialmente para significar diferentemente a relação entre sujeitos e cidades.

O flashmob como metáfora da relação entre silêncio e linguagem

A compreensão do material de análise parece permitir a leitura do *flashmob* como um texto que metaforiza a relação entre linguagem, silêncio e história, tendo em conta sua multiplicidade de formas, objetivos e modos de significar a relação sujeito-cidade. Sua textualidade atravessa instantaneamente o movimento aparentemente cotidiano, rotineiro, estabilizado, previsto, permitido da/para a cidade. Contudo, o *flashmob* não representa uma interpretação natural, espontânea, óbvia das relações possíveis entre sujeito-cidade-mundo – relação, por definição, opaca, polissêmica, plural, tensa, faltante.

O *flashmob* desdobra-se em pontos específicos da cidade como gesto de interpretação que costura o movimento de identificação de sujeitos: gesto circunscrito à expectativa de "mobilizar" o espaço e o contingente de pessoas ali presentes, interrompendo, suspendendo, adiando, obstruindo instantaneamente o fluxo, o movimento, o trânsito, o curso (de memórias) da cidade e de seus sujeitos. Dessa forma, ao dispor em cena um conjunto de sujeitos identificados com os sentidos que significam a "mobilização" que propõe, o *flashmob* pode ser compreendido como a inscrição de sentidos outros no contínuo movimento das cidades, o que ocorre em pontos desse espaço de forte circulação e concentração de pessoas. Outros sentidos aí são aqueles que reclamam uma escuta e que se materializam de forma não indistinta sob o suporte da materialidade específica do *flashmob*. Dessa forma, o *flashmob* suporta determinadas discursividades dando visibilidade, na cena social, a certos efeitos de sentido que determinam o modo como a mobilização significa. Enquanto gesto de interpretação, o *flashmob* participa da conformação política do movimento das cidades.

É assim que penso possível reconhecer no acontecimento do *flashmob*, fazendo diferença no movimento da cidade, a atualização de uma memória: metáfora da inscrição da linguagem na ordem do silêncio. Nessa perspectiva, a possibilidade de formulação é uma possibilidade que se funda no



silêncio que, disposto em discurso, tomado em seu movimento contínuo de significação, estabelece o espaço da linguagem: o espaço em que a linguagem se lhe apresenta como diferença. Daí ser possível dizer que, ao significar, a linguagem faz significar também o silêncio. Segundo Orlandi, o silêncio dá à significação o seu ritmo: o silêncio é "a 'respiração' (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite o movimento do sujeito [e do sentido, acrescento]"⁶.

Ter essa metáfora da respiração em mente permite ler o *flashmob* em seu funcionamento metafórico relativo ao espaço da cidade, representando a relação constitutiva entre silêncio, linguagem e história, no trabalho de (re)dividir algo do Real e do real das cidades. A metáfora consiste em significar o *flashmob* como esse outro possível para o espaço da cidade e para a relação do sujeito com esse espaço, em que, ao irromper aí permite a significação dessa relação a partir do sentido polissêmico da *performance*/"mobilização". O *flashmob*, dessa maneira, torna discernível e dissemina, no contínuo do espaço da cidade, outros e múltiplos sentidos para o gesto de mobilizar. Enquanto acontecimento, o *flashmob* deixa ver o fundamento de que, discursivamente, os sentidos se fazem em todas as direções⁷. Deixa ver também o movimento constitutivo da significação estabelecido pela errância dos sentidos imbricada, na história, ao itinerário dos sujeitos. Deixa ver ainda que o espaço público urbano não é de consenso, mas de disputa, de tensão e de resistência, mesmo que pela via do lúdico.

No contínuo do espaço da cidade, o texto do *flashmob* faz ler descontinuidades: outros sentidos que entram em cena a partir de recortes de memória que os tornam discerníveis. E, assim, o espaço da cidade torna-se palco outra vez e outra vez palco de mobilização. O inusitado em relação ao *flashmob* acontecendo no espaço da cidade não é necessariamente sua característica de mobilização, nem o fato de ele acontecer como discursividade sobre um suporte forjado – o espaço da cidade feito palco de sua *performance*. Esse espaço foi e sempre será palco das mais diversas formas e sentidos de mobilização.

O *flashmob* acontece, dessa maneira, como lapso no movimento da cidade: o (im)previsível que aí irrompe. Em meio ao tráfego contínuo de pessoas circulando por suas vias, pessoas ordenadas em seus diversos pontos e localidades, a *performance* do *flashmob* configura-se como algo que se distingue na linearidade do que é trabalhado ideologicamente como logicamente estabilizado e determinante do modo como o espaço da cidade se conforma. Formam-se aí aparentemente plateia e espetáculo. Ao se desfazer, contudo, a *performance* do *flashmob* aponta para a dispersão: os sujeitos momentaneamente "bailarinos ordinários" se confundem com a multidão e seu movimento é absorvido no fluxo da cidade, de sua linearidade reconstituída. Ficam os efeitos de sentido, as interpretações possíveis que o acontecimento pode suscitar.

⁶ cf. Orlandi, op. cit., p. 13.

⁷ cf. Orlandi, op. cit.



É nessa medida que o *flashmob* enquanto texto pode ser lido como um possível para o *fazer sentido*, no contínuo das significações que conformam e estabilizam os sentidos da(s)/para a(s) cidade(s), sobretudo na conjuntura das grandes cidades/metrópoles. É nessa medida também que compreendo o *flashmob* como uma espécie de fôlego no movimento incessante da cidade, assim como é o silêncio relativamente à linguagem nos processos de constituição da significação. Um gesto de interpretação que permite flagrar o movimento efêmero de certos sentidos atravessando a cidade, significando suas questões, conformando traços de sua realidade social e historicamente construída.

O *flashmob* produz fôlego para o movimento contínuo da cidade, nele respirando, provocando-o a pausar, a se demorar, a se recuar. Ao irromper nos espaços das cidades, o *flashmob* mostra sentidos presentes em sua ausência: nesse lugar onde esses sentidos não são vistos ou não podem ser vistos, ouve-se instantaneamente seu ruído, sente-se a sua presença efêmera.